

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE MÚSICA

Sofia Bulmini Viera

**Trilinguismo e Identidade:
Implicações na Prática Artística e Composição de Canções.**

Porto Alegre
2023

Sofia Bulmini Viera

**Trilinguismo e identidade:
Implicações na Prática Artística e Composição de Canções.**

Projeto de Graduação em Música Popular apresentado ao Departamento de Graduação em Música Popular ao Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Soares de Abreu

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Viera, Sofia Bulmini
Trilinguismo e Identidade: Implicações na Prática
Artística e Composição de Canções. / Sofia Bulmini
Viera. -- 2023.
42 f.
Orientadora: Caroline Soares de Abreu.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Artes, Curso de Música: Música Popular, Porto
Alegre, BR-RS, 2023.

1. Trilinguismo. 2. Composição. 3. Produção
Musical. 4. Música Popular. 5. Uruguai. I. de Abreu,
Caroline Soares, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais pelo apoio e incentivo durante toda a minha vida. A todos os professores e professoras que tive antes e durante a faculdade por me proporcionarem os conhecimentos e ferramentas necessários para fazer música. Aos colegas de faculdade pelas trocas e experiências em conjunto. As amigas que apreciaram as minhas composições antes e durante este projeto e a todas as pessoas que me inspiraram a compor.

RESUMO

Este projeto de graduação descreve as minhas vivências dentro e fora da música como uma pessoa uruguaia, trilingue, que reside no Brasil, as implicações disso na minha prática artística e de composição. E todo o meu processo de criação e produção de cinco músicas autorais, três na língua inglesa, uma em português e uma em espanhol.

Palavras-chave: Música Popular, Composição, Produção Musical, Uruguai, Trilinguismo.

RESUMEN

Este trabajo de graduación describe mis experiencias dentro y fuera de la música como persona uruguaya, trilingüe, residente en el Brasil, las implicaciones de esto en mi práctica artística y de composición. Y todo mi proceso de creación y producción de cinco canciones originales, tres en inglés, una en portugués y una en español.

Palavras clave: Música Popular, Composición, Producción Musical, Uruguay, Trilingüismo.

ABSTRACT

This graduation project describes my experiences in and out of music as a uruguayan, trilingual person residing in Brazil, the implications of this in my artistic practice and composition. And my entire process of creating and producing five original songs, three in English, one in Portuguese and one in Spanish.

Key words: Popular Music, Composition, Musical Production, Uruguay, Trilingualism.

LISTA DE IMAGENS

<i>Imagem 1 – Produção da música “I think I love you” (Reaper)</i>	21
<i>Imagem 2 – Produção da música “Clouds” (Reaper)</i>	26
<i>Imagem 3 – Produção da música “Castaway” (Reaper)</i>	30
<i>Imagem 4 – Produção da música “Brincar de amar” (Reaper)</i>	34
<i>Imagem 5 – Produção da música “Me desperte” (Reaper)</i>	38
<i>Imagem 6 – Arte para o EP (por Ana Imperatore)</i>	41

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – 3 LÍNGUAS.....	10
1.1. ESPANHOL (URUGUAI).....	10
1.2. INGLÊS.....	12
1.3. PORTUGUÊS (BRASIL).....	13
CAPÍTULO 2 – DESCOBERTAS DENTRO DA MÚSICA	14
2.1. PRIMEIROS CONTATOS.....	14
2.2. VIOLÃO E GUITARRA.....	14
2.3. FACULDADE E PRODUÇÃO MUSICAL	16
2.4. CANTO	17
CAPÍTULO 3 – COMPOSIÇÕES	18
3.1. I THINK I LOVE YOU.....	19
3.2. CLOUDS.....	24
3.3. CASTAWAY	29
3.4. BRINCAR DE AMAR	32
3.5. ME DESPERTÉ	36
REFERÊNCIAS.....	42

CAPÍTULO 1 – 3 LÍNGUAS

No meu trabalho de conclusão de curso analisei diferentes questões identitárias em base à minha experiência como uma pessoa que sempre conviveu com o bilinguismo e a bilinguagem, e como isso se reflete nas minhas composições.

HAMERS; BLANC (2000) distinguem o bilinguismo em duas modalidades: a bilinguagem e o bilinguismo. Os autores definem a bilinguagem como um estado psicológico de um indivíduo que tem acesso a mais de um código linguístico como meio de comunicação. Por outro lado, o bilinguismo, segundo os autores, refere-se ao estado de uma comunidade linguística na qual duas línguas estão em contato e são utilizadas para a interação.”

HEYE (2003) apud HEYDEN acrescenta que a bilinguagem pode ser entendida como os diferentes estágios de bilinguismo, pelos quais os indivíduos, portadores da condição de bilíngue, passam em sua trajetória de vida.

(apud HEYDEN, 2012, p. 249)

1.1 ESPANHOL (URUGUAI)

Nasci na cidade de Rivera no Uruguai, a qual possui fronteira com uma cidade do Brasil, Santana do Livramento.

As influências do Brasil na população da minha cidade se dão não só pela proximidade, mas também por ser um país muito maior e mais desenvolvido. A informação sobre o mesmo sempre foi muito acessível, tanto pessoalmente como por diversos meios de comunicação; era e é possível acompanhar novelas, artistas, jornais, e observar os costumes e as tradições de perto.

Devido a esse contato com diferentes aspectos da cultura brasileira, assim como com a língua portuguesa, em Rivera é comum o uso do portunhol, também conhecido como DPU (Dialeto Português do Uruguai).

Portunhol se define como uma língua resultante do contato linguístico entre o Português e o Espanhol e é identificada como uma língua de contato, mas também como uma língua étnica de falantes de comunidades fronteiriças da região norte do Uruguai com o extremo sul do Brasil. (STURZA, E 2019)

Durante toda a minha infância morei e estudei no Uruguai. Apesar de ouvir e conseguir entender grande parte das palavras em português, percebia que em muitos contextos como dentro da escola e outras instituições de ensino existia um certo preconceito com quem não falava corretamente o espanhol, usando o portunhol, por exemplo. Por causa disso não sentia vontade nem me preocupava em aprender a falar português.

Conseqüentemente, os Riverenses são inseguros do ponto de vista linguístico, e esta insegurança é agravada pela presença constante do modelo padrão. As suas atitudes negativas em relação ao português, a grande flutuação entre estilos e a sua constante autocorreção caracterizam o que Labov define como auto ódio linguístico (1966). (CARVALHO, A, M. 1997, p. 644, tradução minha)¹

Carvalho *et al* (1997, p. 646, tradução minha) também afirma “Podemos pensar nos falantes de Rivera como estando entre esses dois extremos, e a sua fala inclinando-se para a esquerda ou para a direita dependendo das características sociais e estilísticas que os motivam a difundir ou a focar.”²

¹ Consequently, Riverenses are linguistically insecure, and this insecurity is exacerbated by the constant presence of the standard model. Their negative attitudes towards their Portuguese, the great fluctuation across styles, and their constant self-correction characterize what Labov defines as linguistic-self hatred (1966). (CARVALHO, A, M. 1997, p. 644)

² “We may think of Rivera’s speakers as being in between these two extremes, and their speech as tending towards the left or the right depending on social and stylistic characteristics, which motivate them to diffuse or to focus.”

1.2 INGLÊS

Desde cedo houve uma preocupação por parte da minha mãe em demonstrar a importância dos estudos e proporcionar ferramentas que me garantissem uma educação mais completa, sendo assim por volta dos 8 anos pelo seu incentivo comecei a frequentar aulas de inglês. A princípio não gostava muito e não entendia por que precisava daquilo. Algum tempo depois, porém, fui adquirindo gosto por aprender essa outra língua e continuei até completar o curso.

Destaco a importância de uma atividade em especial que se tornou um dos meus passatempos preferidos na época e que de certa forma permanece até hoje, se tratava de ouvir músicas em inglês e traduzir as suas letras. Percebi que tinha uma certa facilidade em entender as palavras, mas principalmente que gostava muito da sonoridade das músicas em inglês. Passei a ouvir muitas bandas e artistas de todo tipo de gêneros musicais.

Além de conseguir cantar as músicas que eu gostava e saber o que estava sendo dito nelas, existia um grande apelo em conhecer uma língua que a maioria das pessoas em minha volta não entendiam. Quando comecei a compor naturalmente escrevia em inglês, não só porque era o que eu mais ouvia, mas também porque sempre fui uma pessoa muito introspectiva e me expressar com palavras não era algo que vinha facilmente, escrever em um idioma que só eu entendia tornava esse processo mais agradável.

O inglês por sua vez também influenciou os meus gostos além da música, comecei a gostar muito de filmes e séries norte-americanas e inglesas. Por meio disso conheci uma outra cultura com a qual me identificava mais e naquele momento sem perceber deixei um pouco de lado a minha identidade uruguaia.

Bilinguismo acultural é considerado o indivíduo que renuncia sua identidade cultural relacionada à sua língua materna e adota valores culturais associados ao grupo de falantes da língua estrangeira. (HEYDEN, 2012)

Hoje em dia, no entanto, considero estar mais próxima do bilinguismo bicultural. Como bilinguismo bicultural, entende-se o indivíduo bilíngue que se

identifica positivamente com os dois grupos culturais e é reconhecido por cada um deles. (HEYDEN, 2012)

1.3 PORTUGUÊS (BRASIL)

Depois de ter concluído o ensino fundamental no Uruguai, por decisão da minha família ao verem mais oportunidades no Brasil, fui fazer ensino médio em Santana do Livramento.

Logo no primeiro ano senti muita dificuldade em conviver com as diferenças culturais, e principalmente em me comunicar com colegas e professores, além de estar passando por um período que é complicado na vida de qualquer pessoa, a adolescência.

Percebi que o meu conhecimento da língua portuguesa era ainda muito raso, e quando tentava falar não conseguia pronunciar as palavras corretamente, conseqüentemente o meu sotaque me deixava em evidência. Por ser uma pessoa tímida essas situações não eram nada confortáveis para mim. A partir daí me dediquei a estudar a fonética das palavras, procurava ouvir com atenção e repetir as palavras até acertar, durante esse processo a minha socialização foi prejudicada por essa cobrança imposta por mim mesma. Esse momento da minha vida foi quando mais a música me ajudou.

Essa sensação de falta faz, segundo Derrida (2001), com que as pessoas construam próteses com o intuito de supri-la ou compensá-la. O autor destaca dois tipos de próteses: (i) a procura de história e de filiação, isto é, a recuperação ou invenção de uma narrativa da história familiar e (ii) a exigência compulsiva de uma pureza da língua, ou seja, a preocupação exacerbada com a correção linguística. (apud HEYDEN, 2012, p. 252)

CAPÍTULO 2 – DESCOBERTAS DENTRO DA MÚSICA

2.1 PRIMEIROS CONTATOS

Apesar de não ter nenhum músico na minha família, me foi passado o gosto pela música desde muito cedo, lembro do rádio estar sempre ligado em casa ou no carro, de termos aparelhos de som e coleção de CDs e fitas cassete. Meus pais, Ruth Viera e Edeud Bulmini, ouviam diversos gêneros musicais latinos, como, tango, milonga, música popular uruguaia, argentina e brasileira, candombe, rock, samba, entre outros³.

Além dos meus pais, a minha irmã, Camila, também sempre foi apaixonada por música, acredito que foi ela a minha maior influência na infância, me apresentou inúmeros artistas e bandas⁴, principalmente de rock e pop internacional⁵ que gosto e ouço até hoje. Muitas das nossas brincadeiras envolviam fazer música mesmo sem saber direito o que era isso, gostávamos de cantar, gravar coisas, criar apresentações, escrever letras em tom de humor, fazer paródias de composições de artistas que ouvíamos etc.

Não demorei muito até querer aprender a tocar um instrumento musical. Por volta dos meus 9 ou 10 anos, frequentei uma escola de música no Uruguai, com a pretensão de tocar piano, mas para isso deveria aprender flauta doce e fazer aulas de teoria musical, naquele momento não entendia todo esse processo e acabei não me adaptando, não cheguei a ter aulas de piano, mas aprendi algumas músicas na flauta doce e a minha vontade permaneceu.

2.2 VIOLÃO E GUITARRA

Pouco tempo depois, ainda por volta dos meus 10 anos ganhei um violão de presente do meu pai e comecei a ter aulas com uma colega de trabalho e amiga da minha mãe, Gabriela Ferreira, uma das pessoas mais importantes do

³ Alguns dos artistas que os meus pais ouviam: Rubén Rada, Carlos Gardel, Jaime Ross, Celia Cruz, Los Iracundos, Caetano Veloso e Mercedes Sosa.

⁴ Bandas de rock uruguaio: El Cuarteto de Nos, No Te Va Gustar e La Vela Puerca.

⁵ Red Hot Chili Peppers, Guns N' Roses, Alanis Morissette, Oasis, REM, entre outros.

início da minha formação como musicista. Tive muita sorte em encontrá-la naquele momento e aprender de música com uma mulher violonista, algo que não era comum naquela época. As nossas aulas sempre foram muito leves e divertidas, conheci músicas novas, aprendi outras que já conhecia⁶, e me apaixonei por esse instrumento.

Depois de alguns anos a minha professora se mudou da cidade e por um período não muito longo fiquei aprendendo coisas sozinha, fui descobrindo que tipo de músicas e gêneros mais me atraíam, conheci muitos artistas através do canal MTV⁷.

Novamente graças à minha mãe, tive o meu segundo professor, Fabián Núñez, que na época era o seu aluno de magistério. Comecei a ter aulas com ele quando tinha 12 ou 13 anos, aprendi muito sobre técnica, fui entendendo aos poucos como funcionava a música e me atraindo mais pelo Rock⁸. Percebi que a guitarra combinava mais com o que eu queria tocar.

Um ano depois ele me convidou a ter aulas no conservatório de música Wolfgang localizado em Santana do Livramento, onde trabalhava. Lá tive acesso a guitarras e outros equipamentos, conheci também outros músicos da minha idade, alunos do conservatório, e com eles me apresentei para um público pela primeira vez. Com 15 anos ganhei a minha primeira guitarra, ficava inúmeras horas praticando. Sem dúvidas tocar guitarra era o que eu mais gostava de fazer nessa idade e sonhava em fazer isso profissionalmente.

⁶ Artistas que lembro dessa época: Andrés Calamaro, Fito Páez, Soda Stereo, Shakira e Maná.

⁷ Björk, No Doubt, Lenny Kravitz, Madonna, Pink, Sinéad O'Connor, Tracy Chapman, Toni Braxton, Eurythmics, Daft Punk, Outkast, Gorillaz, Kanye West, Nelly Furtado, Beyoncé, Missy Elliott, Alicia Keys, Sade, Tegan and Sara, Dido, Lauryn Hill, 4 Non Blondes, Cyndi Lauper, Culture Club, Elton John, Stevie Wonder, The Cranberries, The Cardigans, Cher etc. Alguns do Brasil: Pitty, Ana Carolina, Cássia Eller, Marisa Monte, Charlie Brown Jr, Legião Urbana, entre outros.

⁸ Bandas de Rock como: Weezer, The Cure, Green Day, Blink 182, The Clash, Nirvana, Pearl Jam, The Police, Audioslave, Pixies, The Smiths, Iron Maiden, Metallica, Whitesnake, Janis Joplin, Patti Smith, The Runaways, Sleater-Kinney, Blur, Hole, Depeche Mode, Heart, Fleetwood Mac, The Strokes, Audioslave, Muse, The Smashing Pumpkins, Echo & the Bunnymen, Babasónicos, Los Auténticos Decadentes, Los Fabulosos Cadillacs etc.

2.3 FACULDADE E PRODUÇÃO MUSICAL

Na hora de escolher um curso superior sonhava em fazer música, mas nunca tinha me dedicado de fato a estudar teoria musical e sabia que para entrar em uma faculdade precisava aprimorar esses conhecimentos. Acabei fazendo outros cursos e durante anos fiquei afastada da música⁹, sempre pensando na possibilidade de algum dia retomar os estudos. Finalmente em 2015 decidi que queria ingressar no curso de música popular. Estudei um tempo sozinha e posteriormente tive aulas com o professor Vítor Pegoraro (formado em composição pela UFRGS).¹⁰

Ingressei na faculdade sem saber muito bem o que esperar e logo que entrei me deparei com pessoas que estavam muito à frente de mim em termos de experiência e de conhecimentos teóricos e práticos. Passei muito tempo sentindo que não era tão boa quanto os meus colegas, isso me fazia muitas vezes parar de tocar, pois não me considerava igual. Este sentimento, como muito bem apontado pela professora Luciana Prass durante a banca de defesa do meu PGMP, é muito comum entre as alunas da música.

O que pode ser entendido através da literatura sobre gênero e feminismo “Sabíamos, por experiência própria, que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens.” (HOOKS, 2000, p. 14)

Apesar das dificuldades não pensava em desistir pois sabia que era o que eu gostava de fazer e percebia o quão importante seria viver todas as experiências que o curso de música popular me proporcionaria.

Nele me deparei com inúmeras possibilidades dentro do fazer musical. Logo nos primeiros semestres, nas disciplinas de “Prática Musical Coletiva”¹¹, comecei a me interessar por improvisação dialogando com colegas através dos

⁹ Não tinha muito tempo para tocar guitarra e estudar música, mas ainda continuava ouvindo e descobrindo artistas, como: New Order, Joy Division, Radiohead, Paramore, Placebo, Tears for Fears, HAIM, Kate Bush, Nina Simone, Tame Impala, Arcade Fire, ABBA, Kool & The Gang, Earth Wind and Fire, Alabama Shakes, Of Monsters And Men, Childish Gambino, Los Hermanos Laser, Bandalos Chinos, entre outros.

¹⁰ Além dos estudos teóricos e práticos, estudei sobre MPB, me encantei principalmente pela bossa nova e pelo samba.

¹¹ Com os meus colegas da primeira Prática Musical Coletiva aprendi sobre Jazz conheci artistas como: Miles Davis, John Coltrane, Duke Ellington e Chet Baker.

nossos instrumentos. Antes disso nunca havia improvisado e foi uma das experiências mais ricas que tive até hoje.

Fazendo “Percepção Musical” com a professora Ana Fridman, aprendi a ouvir e cantar melodias e harmonias, perceber o ritmo, tudo o que uso hoje em dia para produzir minhas músicas. E mais uma vez a improvisação se fazia presente.

Fazer trabalhos usando o Reaper me fez descobrir novas formas de criar música, sem precisar da guitarra. Como também explorar toda a parte técnica do áudio, efeitos e instrumentos virtuais.

A disciplina “Música e Tecnologia B” com o professor Luciano Zanatta, foi outra que gostaria de destacar porque foi essencial para conseguir fazer o meu projeto do jeito que queria, sendo responsável pela produção das minhas músicas. Aprendi tudo sobre plugins, efeitos, suas funções e vários outros conceitos da música dentro da tecnologia.

Mais recentemente nos meus últimos semestres tive a oportunidade de aprender o instrumento que queria tocar desde criança, na disciplina “Laboratório de Teclado Eletrônico para Produção Musical” com o professor Eloy Fritsch. Além de ter realizado mais esse sonho, o teclado que adquiri foi uma ferramenta extremamente importante na produção deste projeto, com ele se tornou mais fácil criar sons diretamente no computador.

2.4 CANTO

Mesmo gostando de cantar e escrevendo canções desde que comecei a me interessar por música, nunca senti que cantava bem realmente, por isso focava em fazer músicas instrumentais tanto na guitarra como utilizando instrumentos virtuais. Essas composições costumavam surgir de improvisos em momentos de lazer ou enquanto aprendia a usar softwares de áudio no computador.

As letras por muito tempo ficaram só no papel. Algumas vezes quando pensava em ideias de melodias para acompanhá-las, as gravava no celular, mas após ouvir não gostava da minha voz e não as terminava. Uma das características que mais me incomodavam nas gravações era a de cantar muito baixo, talvez também por ter ouvido essa crítica de outras pessoas.

Sinto que escondia de mim mesma a vontade de cantar, mas sem perceber procurava oportunidades de aprender a usar melhor a voz como instrumento. Uma das primeiras tentativas disso foi cursar a disciplina “Práticas Vocais para Educação Musical”. Nela aprendi diversos conceitos e alguns exercícios de projeção, além disso cantei pela primeira vez em uma aula.

Durante a pandemia me encontrei compondo mais e decidi comprar um microfone com o intuito de aperfeiçoar a captação das minhas canções. Além disso sabia que no próximo semestre teria a cadeira “Composição de Canção” em caráter virtual, seria então uma ferramenta muito útil. Esta vez apresentei uma composição na qual cantava somente uma estrofe, ainda não tinha muita confiança em minhas músicas.

Logo após me inscrevi na disciplina “Prática de Canto Popular I”, pensando inicialmente em cantar músicas de outros artistas. Depois de algumas aulas e conversas com a professora Carol Abreu, fui incentivada a mostrar minhas composições e obtive respostas positivas, isso me deu mais motivação e confiança para continuar compondo. Lentamente fui aceitando e passando a gostar da minha voz como ela é.

CAPÍTULO 3 – COMPOSIÇÕES

O meu processo de composição geralmente começa com uma ideia interior, penso em melodias, sonoridades, ou em algum ritmo específico. Que na maior parte das vezes já estão acompanhando letras.

Quando vou incorporar a guitarra ou outro instrumento sinto que a sonoridade que eu tinha na cabeça pode se perder facilmente, então primeiramente gravo somente a minha voz e tento chegar o mais próximo

possível do que imaginei. Depois de ter a melodia bem fixada em mim vou buscando a harmonia para acompanhar, a partir daí decido o que falta e como levar adiante essa ideia inicial.

A parte teórica acaba sendo uma reflexão que vem após de pronta a música. Portanto é possível que depois de analisar encontre algumas “falhas”, mas não é algo que me preocupe, prefiro não me limitar a nenhuma regra quando estou compondo e até então tem funcionado para mim.

3.1 “I Think I love You”

You said you wish you were a figment of my imagination

oh girl, if you only knew

my mind could never come up

with something as good as you

I'm overwhelmed just thinking about you

I don't want you to know just how badly I'm scared

but something inside me is making me say

What if we take a chance

What if I don't wanna dance with anybody else

'cause nobody compares to you

to you

...

But if you say no I can close my eyes and put on a new disguise

but they don't have your smell
they don't make me sway the way you do
oh it's true
I think I love you
I think I love you
...
It's true
oh it's true
I think I love you

Esta foi a primeira composição que apresentei na disciplina “Prática de Canto Popular I”, e a qual me motivou a fazer o projeto sobre mim.

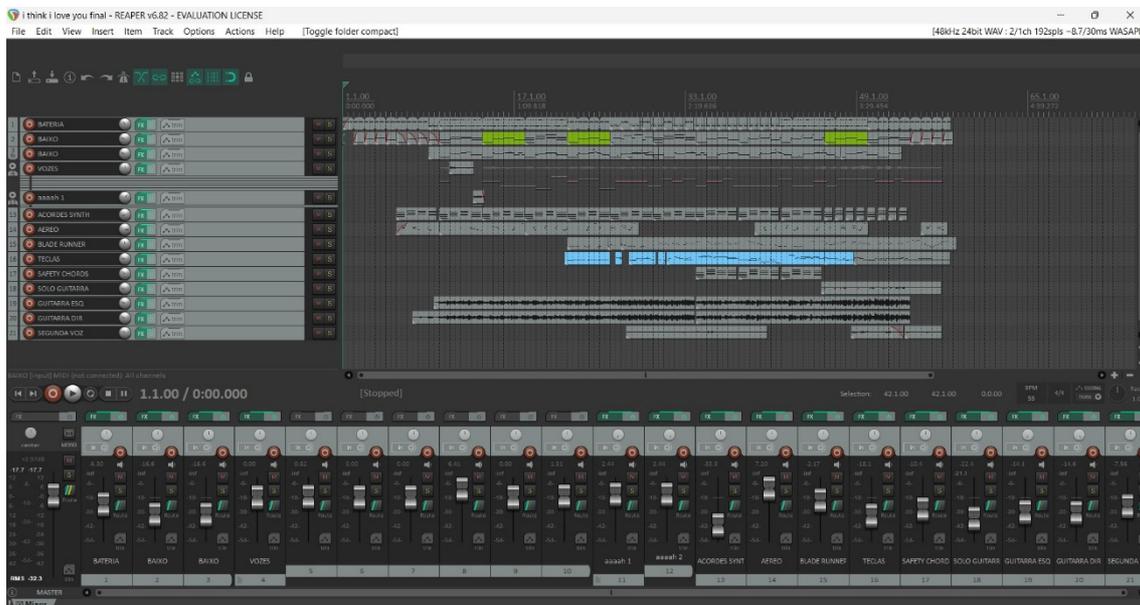
Escrevi esta canção em 2021, não lembro exatamente o mês, mas sei que tive a ideia da letra depois de alguém me falar a seguinte frase “queria ser fruto da sua imaginação”. Achei peculiar a vontade dessa pessoa de existir somente na imaginação de alguém, talvez por medo de não alcançar a expectativa alheia. Logo que ouvi já fiquei pensando que poderia ser uma música, e isso ficou por muito tempo ressoando na minha cabeça.

Quando parei para escrever, o resto da letra veio muito rápido, provavelmente porque esse pensamento inicial me marcou bastante e me fez pensar em tudo o que estava sentindo naquele momento. Assim, ela fala sobre a vontade de querer estar somente com uma pessoa, as sensações que nos fazem pensar no amor e transmitir tudo isso com a esperança de que seja recíproco.

A parte harmônica aconteceu pelo meu processo de sempre, ouvindo as notas que estou cantando e procurando acordes na guitarra que encaixem com

elas e ao mesmo tempo se aproximem o máximo possível da sonoridade que imaginei, neste caso um caráter mais melancólico, em tom menor.

Enquanto criava, fiz algumas improvisações com a voz pensando em substituí-las com a guitarra posteriormente, essas improvisações também me ajudavam a encontrar transições entre as diferentes partes da música. Diferentemente de outras composições, esta não tinha suas partes muito bem definidas. Fiz a primeira gravação com voz e guitarra assim mesmo, pensando em futuramente organizar melhor, separar estrofes, refrão, ponte. Depois de ouvir tudo acabei gostando do resultado e optei por manter a mesma estrutura, assim como a parte vocal.



Comecei o processo de gravação com a guitarra, foi gravada em casa, por meio de interface de som (BEHRINGER UMC 404HD). Fiz a progressão de acordes de toda a música para poder usar como guia para gravar a voz.

Enquanto à voz, gravei alguns takes no Estúdio A do Centro Cultural da UFRGS¹². Destaco a importância dos encontros com a professora orientadora, Carol, que me sugeriu exercícios de respiração e técnica vocal.

Depois dessas gravações iniciais fui pensando e criando arranjos para os outros instrumentos que queria incluir na composição. Comecei pelo baixo, pois foi um instrumento sugerido para essa música pela professora Ana Fridman na banca de defesa de Introdução ao Projeto de Graduação.

Antes de gravar, experimentei fazer algumas linhas de baixo com a guitarra, mas percebi que não tinha muita familiaridade com esse instrumento, então por algum tempo me dediquei a ouvir o baixo em músicas que ouço no dia a dia até ter uma noção melhor. Assim foram surgindo algumas ideias. Decidi gravar usando o teclado como controlador midi, e o plugin simulador de baixo SI-Bass Guitar do Cakewalk (DAW que conheci e usei nas aulas de Trilhas Sonoras)

A parte da bateria foi criada a partir de samples, alguns do plugin de bateria do Cakewalk e outros do plugin SSD 5. Já tinha mais ou menos uma ideia dos ritmos que gostaria de usar, portanto, essa tarefa foi mais um exercício de escuta, até encontrar a sonoridade que eu buscava, mas em alguns compassos, como por exemplo nas transições entre introdução, refrão etc. fiz algumas modificações usando o editor midi do Reaper.

Tendo esses instrumentos gravados, fui amadurecendo a ideia da sonoridade que buscava para esta música. Pensei em algo que fosse fluido, sons “aéreos”, que criassem uma espécie de movimento, o que me remetia à imaginação e sonhos. Além disso, porém, ainda sentia que faltava um pouco de densidade, os acordes na guitarra não davam a sustentação necessária para poder brincar com outros elementos.

O primeiro passo então foi criar mais uma camada de acordes, usando o teclado com o plugin sintetizador, Surge XT (patch: Semiconductor). Aproveitei

¹² O Centro Cultural da UFRGS está situado em um prédio histórico do campus central – o antigo Instituto de Química Industrial – inteiramente restaurado. Possui dois estúdios à disposição dos alunos formandos da música.
Para realizar estas gravações contei com a ajuda da monitora Ariadyne Ferrandis.

a linha do baixo da introdução e do final para fazer alguns acordes de nona que estudei durante o último semestre da disciplina Laboratório de Teclado.

A partir desse momento, com a base da música pronta, fui experimentando mais sons de sintetizador e improvisando melodias com o teclado. Usei também alguns trechos da melodia da voz.

Assim, acabei incluindo mais quatro sons, o primeiro chamei de Aéreo (patch: Sprinkly), por possuir essa característica que estava procurando, ele está mais presente na introdução, e quando palavras-chave que tem a ver com o subconsciente aparecem na letra, como “you said you wish you were a figment of my imagination”.

O segundo é do plugin sintetizador Tyrell N6 (patch: PV – PWM Filla) chamei de Blade runner pois a sua sonoridade me lembrou muito à trilha sonora do filme com o mesmo nome. Com ele fiz notas mais curtas, em staccato, para destacar do resto dos instrumentos com notas longas.

O terceiro, foi do plugin Iota Mini (patch: Keys – Levitate Piano). Este escolhi porque queria algo mais próximo de um som de piano, mas ainda com elementos eletrônicos. Ele complementa a melodia do som anterior e foi a partir dele que criei também a melodia do solo, a qual depois dobrei com a guitarra.

E por último, o quarto, também do sintetizador Surge XT (patch: Safety). Começa no minuto 2:24 e dura somente três compassos, usei sons mais graves, mas ainda bastante aerados. Essa parte prepara para o solo onde a música chega ao ápice, e achei que com esse elemento a transição ficou mais suave.

A edição da voz consistiu em ouvir os diferentes takes e selecionar as melhores partes, cuidando para não ter cortes perceptíveis, também regravei algumas partes em casa com o meu microfone. Depois fiz o controle o volume de todas as partes para deixar igual. Nos momentos em que não estou cantando a letra, fiz uma segunda voz. Para finalizar, usei em todas as vozes o plugin DeeDoubler que deu um pouco de profundidade e deixou a sonoridade mais próxima do resto dos instrumentos, e o compressor OTT.

Tem também um overdub no minuto 0:53, que criei empilhando duas tracks com um pouco de reverb.

3.2 "Clouds"

*Right now
it seems like
I'm finally getting rid of clouds up in my sky
I'm not sure it
will last
it makes me scared to even think the storm might come*

*And then I hear that voice
it takes me right back
to all the things
I've been trying to leave behind*

*My mind keeps calling I dont wanna pick up
I can't think clearly everything's making me mad
I try to close my eyes but it's coming from inside
It's coming from inside
so how can I stop*

*Breath in
you're fine
there's nothing wrong it's just another day of life
and if*

*you're down now
remember all the times you've been flying high*

*So when you hear that voice
don't let it take you back
to all the things you've been
trying to leave behind*

*My mind keeps calling I dont wanna pick up
I can't think clearly everything's making me mad
I try to close my eyes but it's coming from inside
its coming from inside
so how can I stop*

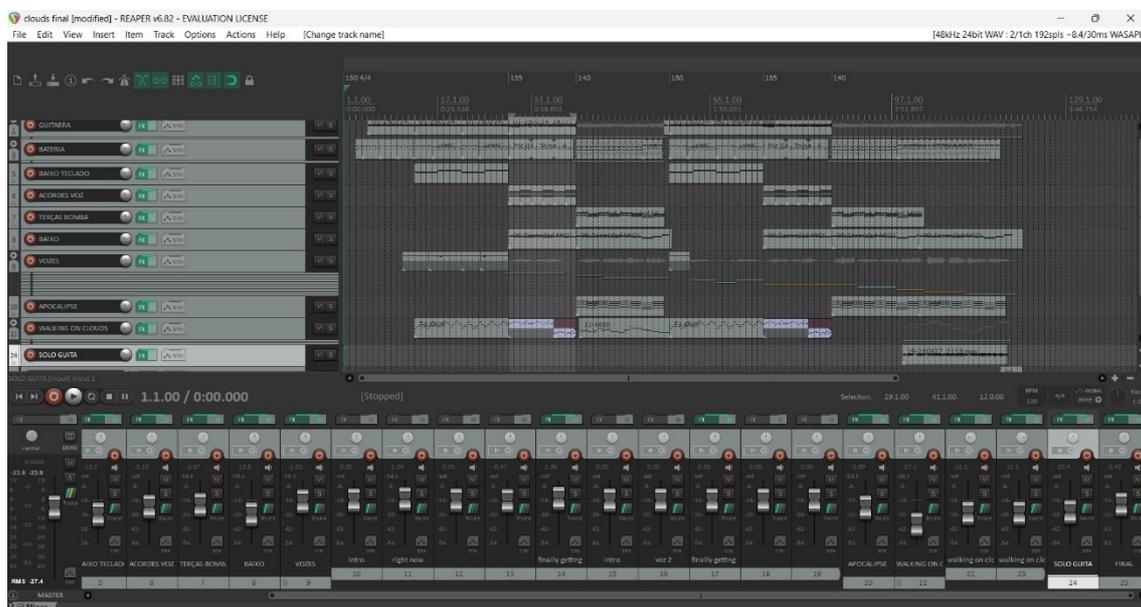
Esta composição surgiu a partir de um exercício incentivado pelas aulas de “Seminário Prático: Guitarra Elétrica I” com o professor Julio Herrlein.

Estava experimentando tocar acordes em outras posições na guitarra, fazendo arpejos para ouvir cada nota, a sonoridade dos dois primeiros acordes que fiz (Bmaj7 e D6) me chamou a atenção, tive a sensação de que juntos eles transmitiam tranquilidade e me deu vontade de criar algo com isso, fiquei um tempo repetindo essa mesma progressão e testando outros acordes para continuar a harmonia, porém todas as escolhas pareciam um pouco monótonas, então pensei em fazer algo mais contrastante. Experimentei com os acordes "C e Bm7" e ao invés de arpejar fiz um ritmo mais marcado e rápido, o resultado sonoro desse contraste me remeteu ao funcionamento da ansiedade, tendo isso em mente fui escrevendo a letra.

Na primeira estrofe uso como metáfora as nuvens para os pensamentos e o céu sendo a mente, falo sobre como tudo parece estar calmo, porém sentir esse medo, muitas vezes irracional, de que a qualquer momento algo pode mudar e trazer de volta todos os pensamentos e sentimentos ruins. Na ponte, o andamento fica um pouco mais rápido, e na letra aparece a presença de uma voz, que representa a maneira pessimista de falar consigo mesmo, que acaba despertando a ansiedade.

Continuando essa ideia fiz o refrão, onde o andamento acelera mais uma vez. Lembrei da frase “The call is coming from inside the house”, usada popularmente e em alguns filmes de terror, achei que tinha muito a ver com a situação, a questão de uma chamada que vem de dentro, querer fugir dos próprios pensamentos e não conseguir.

Já a segunda parte da música possui um caráter mais otimista, estrofe e ponte falam sobre como é possível se acalmar e ter um maior controle da ansiedade. E finaliza repetindo o mesmo refrão.



Esta gravação comecei pela guitarra, gravada em casa com um som mais limpo, já tinha gostado bastante da sonoridade e da estrutura que fiz desde o início, assim como as mudanças de andamento, então fui trabalhando em cima

disso. Para me ajudar na parte vocal, especialmente nessas mudanças de andamento e ritmo, fiz algumas partes provisórias de bateria (usando o teclado como controlador midi e o plugin SI-Drum Kit do Cakewalk), e posteriormente gravei a voz no Estúdio A do Centro Cultural da UFRGS.

A minha intenção para essa música era que as mudanças entre estrofe, ponte e refrão fossem bem definidas, quando gravei a voz quis começar cantando um pouco mais baixo e ir mudando a dinâmica, fazer a ponte mais pausada, com incerteza do está por acontecer e finalmente crescer na parte do refrão. O resto dos instrumentos também seguiriam essas mesmas características.

Fui complementando a parte da bateria que tinha criado inicialmente sozinha, através de outros samples do mesmo plugin, ouvindo e usando o que fazia mais sentido para mim nesta composição. Depois fiz as linhas do baixo com o teclado, primeiro das estrofes e pontes, com notas mais longas para dar um pouco de sustentação, usei o plugin sintetizador Tyrell N6 (patch: PV - WurlyEP), optei por não usar um som de baixo de cordas aqui porque a guitarra já estava numa região grave e seria muito similar. Já nas partes do refrão onde a guitarra teria distorção, sim usei o plugin de baixo SI-Bass Guitar (Cakewalk), com notas mais curtas e rápidas.

Fui pensando em outros elementos que gostaria de colocar, e o primeiro deles tinha a ver com a metáfora das nuvens, busquei algo que me remetesse ao céu, decidi utilizar para essa função o sintetizador Tyrell N6 (patch: 3ee_Snowie), para mim esse som representa algo como “andar nas nuvens”, com ele comecei fazendo arpejos mais lentos, nas partes mais calmas é bem linear, já quando a música vai ficando mais rápida e densa, troco algumas notas de lugar e misturo outras dando um tom mais confuso, como se o céu fosse ficando nublado.

O segundo elemento, representaria as vozes chamando. A minha ideia inicial era fazer harmonias como se fosse um canto de coral, porém experimentei com alguns sons mais próximos da voz e não gostei tanto, acabei escolhendo o patch: HS Flute, e gravei esses sons de flauta fazendo os acordes da ponte.

Depois quis incorporar algo no refrão que desse esse aspecto de confusão e pressa presente na letra, de não conseguir pensar direito porque têm muita informação ao mesmo tempo. Assim, surgiram mais dois componentes, no teclado, usando o plugin SI-Electric Piano (Cakewalk) gravei uma repetição de notas em intervalos de terças, que me lembraram ao som de uma bomba relógio e com o plugin Tyrell N6 (patch: Appokkalypse) coloquei mais uma camada de sons distorcidos, que entendi como uma explosão naquele momento.

3.3 "Castaway"

*Water's been calm for a while
no more wind to set the waves alive
I lay closer to the shore now
used to be so far from land*

*Feeling like a castaway
waiting for the day I'd be saved x2*

*And it would have been easier
to have someone to take me home
but I learnt to swim and make it on my own*

*Feeling like a castaway
waiting for the day I'd be saved x2*

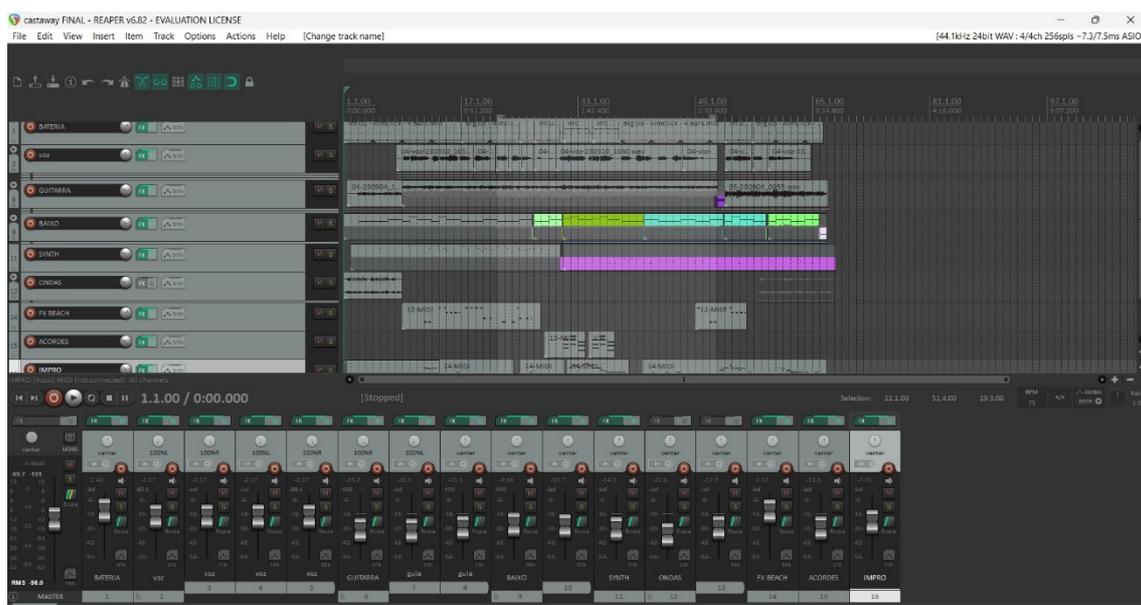
*I hope next time the winds are nicer
but for now I'll take my time out there*

*Feeling like a castaway
I no longer wanna be saved*

Esta canção começou como um poema, não lembro exatamente quando o escrevi. Mas quando estava no processo de escolher as composições para gravar, o achei nas minhas notas do celular e fiquei com vontade de transformá-lo em música.

A letra fala um pouco sobre o sentimento de solidão e de eventualmente fazer as pazes com isso, fazendo uso de metáforas para descrever esse processo.

A água seriam as emoções dentro de cada pessoa; O vento o impacto que a presença de alguém na nossa vida pode causar, bom ou ruim; E sentir-se como um naufrago por não ter controle da situação, mas eventualmente aprender a lidar com tudo sozinho e já não precisar que o outro te salve.



Para esta produção também comecei gravando a guitarra em casa para usar como guia, depois realizei a gravação da voz no Estúdio A do Centro Cultural da UFRGS, para a parte final acabei usando dois takes com pequenas edições.

Algum tempo depois regravei a guitarra e fiz mais duas camadas com pequenas diferenças em cada uma delas.

Fiz a parte da bateria com samples do plugin SSD5, e um plugin intensificador (T-Puncher).

Desde que comecei a produzir esta música, pensava em colocar algum som do mar, procurei dentro dos plugins sons parecidos, mas não eram exatamente o que eu tinha em mente, então optei por baixar de uma biblioteca de áudio virtual (pixabay.com). Ele está presente na introdução e no final.

Além do som de ondas de mar, usei um plugin sintetizador (Tyrell N6) com sons de vento (HS Surfs Up).

Gravei o baixo usando a guitarra com o plugin Amplitube 4 (preamp de baixo (BA250) e um pedal pitch shifter, fiz uma segunda parte de baixo pois achei que faltavam sons graves na música, e para esse usei o teclado com o plugin sintetizador Surge Xt (patch: Reso Brassy)

Com o plugin Vital (preset: Crescendo Bells), fiz alguns detalhes de notas soltas que colidem um pouco com a sonoridade da guitarra.

Por último adicionei alguns improvisos com o teclado, usando o plugin sintetizador Tyrell N6 (PV – Wurly Ep).

3.4 “Brincar de amar”

*Meu bem, eu vi, logo no início que ia ser assim
teu jeito de olhar, falou tudo o que eu queria ouvir
até resisti, mas com o tempo comecei a acreditar
e aí deixei me levar, quando vi já era tarde demais*

*Mais uma história
com o mesmo final
muda o teu nome
mas sempre volta*

*Eu vou te levar a sério
eu não sei brincar de amar
já tentei jogar a sorte
e descobri que tenho azar
é melhor já ir embora
porque não dá mais pra me entregar*

*Eu sei, já entendi, isso que tem de errado em mim
repito padrões, esperando viver algo melhor
tem que ser instantâneo, uma resposta ao trauma
e se tá tudo bem, vou procurar outro problema pra me entreter*

*Mais uma história
com o mesmo final
muda o teu nome
mas sempre volta*

*Eu vou te levar a sério
eu não sei brincar de amar
já tentei jogar a sorte
e descobri que tenho azar
é melhor já ir embora
porque não dá mais pra me entregar*

Durante diversas conversas com a professora Carol, ela me perguntou se eu tinha composições em português e sugeriu que seria bom incluir pelo menos uma delas no trabalho.

Contei que a maioria das vezes que fiz letras em português não chegava a terminá-las de fato, até gostava do resultado, mas tinha um pouco de receio em cantar, me parecia que o meu sotaque ficava evidente e que as letras eram muito literais, provavelmente por ser a língua que faz mais parte do meu dia a dia, me causava uma certa vergonha.

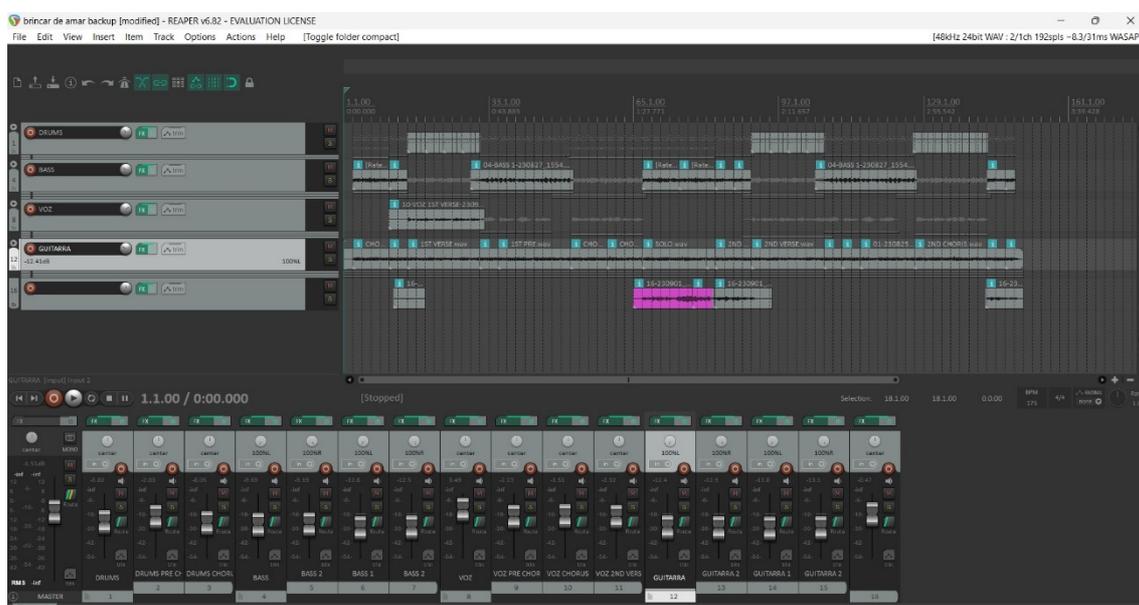
Por isso, a princípio não fiquei muito animada com a proposta, mas fiquei refletindo um pouco e depois de um tempo foram esses mesmos motivos que me fizeram decidir encarar essa tarefa como um desafio para o trabalho final. Arrisquei fazer algumas composições e a que mais gostei foi “Brincar de amar”.

Fazia tempo que pensava nesse conceito, brincar de amar, o que pra mim significa entrar em relacionamentos só por diversão, não querer se envolver com alguém de fato, algo que pessoalmente nunca soube fazer e por isso acaba sendo um assunto sobre o qual reflito bastante e até mesmo escrevo, mas até então sem pretensão de compor.

A letra fala sobre as repetições nos relacionamentos, se envolver sempre com o mesmo tipo de pessoas (“muda o teu nome, mas sempre volta”) a ponto de conseguir reconhecer os padrões de comportamento do outro, como por exemplo, a conquista (“teu jeito de olhar, falou tudo o que eu queria ouvir”) mas, mesmo assim, acabar cedendo ao que estamos acostumados (“e aí deixei me levar, quando vi já era tarde demais”).

Por outro lado, na segunda parte da canção tem a identificação do próprio comportamento, onde o eu lírico assume os erros, mas não consegue sair desse círculo vicioso (“e se tá tudo bem, vou procurar outro problema pra me entreter”).

Mesmo sendo um tema difícil de falar, queria que a música tivesse um tom mais leve, até mesmo pelo nome, o brincar me remete a algo alegre, então procurei isso na sonoridade. Pensei em algumas bandas do gênero pop punk que ouvia quando era adolescente (como Blink 182 e Green Day) e optei por fazer toda a harmonia na guitarra com power chords.



Decidi que essa música teria somente os três instrumentos usados na maioria das bandas do gênero pop punk, guitarra, baixo e bateria.

Comecei gravando duas partes de guitarra fazendo a mesma harmonia, a primeira gravei sem nenhum efeito e a segunda com distorção, usei o plugin simulador de amplificador Amplitube 4 (preset: Mid Drive).

Depois fiz as linhas de baixo na guitarra porque queria um som mais fiel ao som de cordas, o que não conseguiria com o teclado. Usei novamente o Amplitube 4 com um preamp de baixo (BA250) e um pedal pitch shifter do mesmo plugin. Também criei uma pequena melodia para a introdução que depois acabei repetindo no interlúdio.

Para adicionar mais um elemento criei também um solo pra guitarra, e uma melodia que repito no final da música.

A bateria foi feita com samples dos plugins SSD5 e SI-Drum Kit (Cakewalk), escolhi um conjunto com sons mais “secos” e fortes.

Nesta música gravei a voz por último e acho que de certa forma me ajudou ter toda a sonoridade pronta na hora de cantar.

3.5 "Me desperté"

*Me desperté
y ya no era nada igual
no te encontré
y nadie me pudo ayudar
ahora veo
todo lo que dejé atrás
pero es muy tarde
para volver a empezar*

*¿Cuánto tiempo llevo aquí
sin darme cuenta de que mi lugar lo perdí?
¿Por que no me detuve a pensar
como todo iba a cambiar?*

*Te llamé
quise que fuera como antes
pero noté
que no sabíamos hablarnos
somos memorias
cada vez más distantes
aún eres parte de mí
no sé si vos ya me soltaste*

*¿Cuánto tiempo llevo aquí
sin darme cuenta de que mi lugar lo perdí?*

*¿Por que no me detuve a pensar
como todo iba a cambiar?*

*¿Cuánto tiempo ya perdí
sin darme cuenta de que tú no estabas aquí?*

*¿Por que no me detuve a pensar
que ahora habria otra en tu lugar*

*Me desperté
y ya no era nada igual*

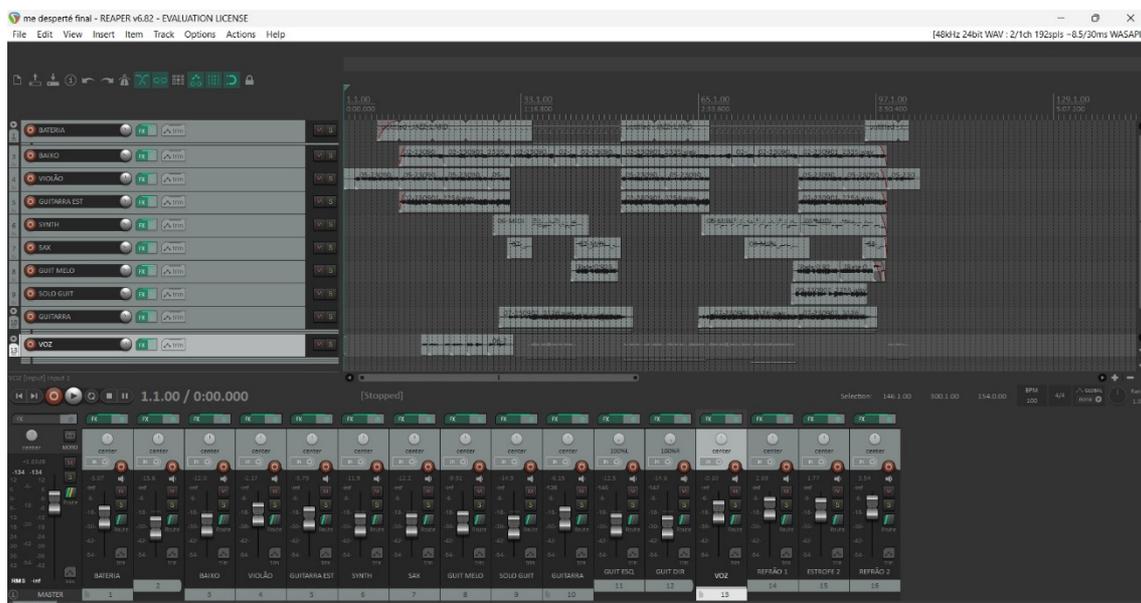
Compor em espanhol foi mais um desafio, apesar de ser a minha língua materna. Atualmente só faço uso dela para conversar com pessoas da minha família e amigos do Uruguai, e mesmo se tratando de conversas informais é comum que eu esqueça de como falar algumas coisas e misture com palavras do português.

Quando parava para escrever “a música em espanhol” começava a me questionar muito, não tinha certeza das palavras que estava usando, se estavam no contexto certo, se estava confundindo, usando expressões que traduzi do português e que alguém que só fala espanhol talvez não entenderia.

Queria falar sobre diferentes assuntos e cheguei a fazer mais de uma composição, mas percebia que ficava pensando o tempo todo sobre essas questões e o que isso significava pra mim e pra minha identidade. Entendi então que a música teria que ser sobre isso mesmo.

Esta música surge então a partir de reflexões sobre o passar do tempo, sobre todas as mudanças que aconteceram na minha vida desde que vim para o Brasil, não só na parte da linguagem, mas também nos meus costumes, na construção da minha personalidade, o modo de entender e me relacionar com outras pessoas, e como isso faz com que eu já não me identifique tanto com o meu lado “uruguaia”, com a pessoa que eu era e quem seria se nunca tivesse saído do meu país.

Achei interessante escrever como se fosse uma canção romântica para uma pessoa com a qual tive um relacionamento no passado, em alguns momentos estou falando comigo mesma e em outros com o país.



Quis incluir o meu primeiro violão nesta música, gravei em casa usando o microfone condensador AT2020. Começa só com o som do violão e aos poucos vou adicionando os outros instrumentos o que pra mim representa a mistura entre presente e passado, no final também deixo o som do violão sozinho trazendo de volta o motivo inicial. Depois disso gravei a as mesmas partes do violão com a guitarra.

Gravei a voz em casa com o mesmo microfone. Inicialmente criei toda a música em base ao arranjo das estrofes, mas quando ouvi achei muito repetitivo

e o refrão não se destacava tanto, por isso fui diferenciando as partes trocando os instrumentos que tocam em cada uma delas, assim como os ritmos.

Comecei com a bateria, usando samples do plugin SI-Drum Kit (Cakewalk), escolhi um ritmo para as estrofes e outro para o refrão.

Nas estrofes optei por deixar menos instrumentos e um ritmo mais pausado, já para o refrão preferi um som mais encorpado, por isso gravei três camadas de harmonia com a guitarra, duas partes mais limpas, as quais deixei uma à esquerda e outra à direita, e a guitarra principal com um pouco de ganho fica em destaque, fazendo as devidas variações no ritmo. Depois fiz a linha do baixo usando a guitarra com o plugin Amplitube 4 (preamp de baixo (BA250) e pedal pitch shifter).

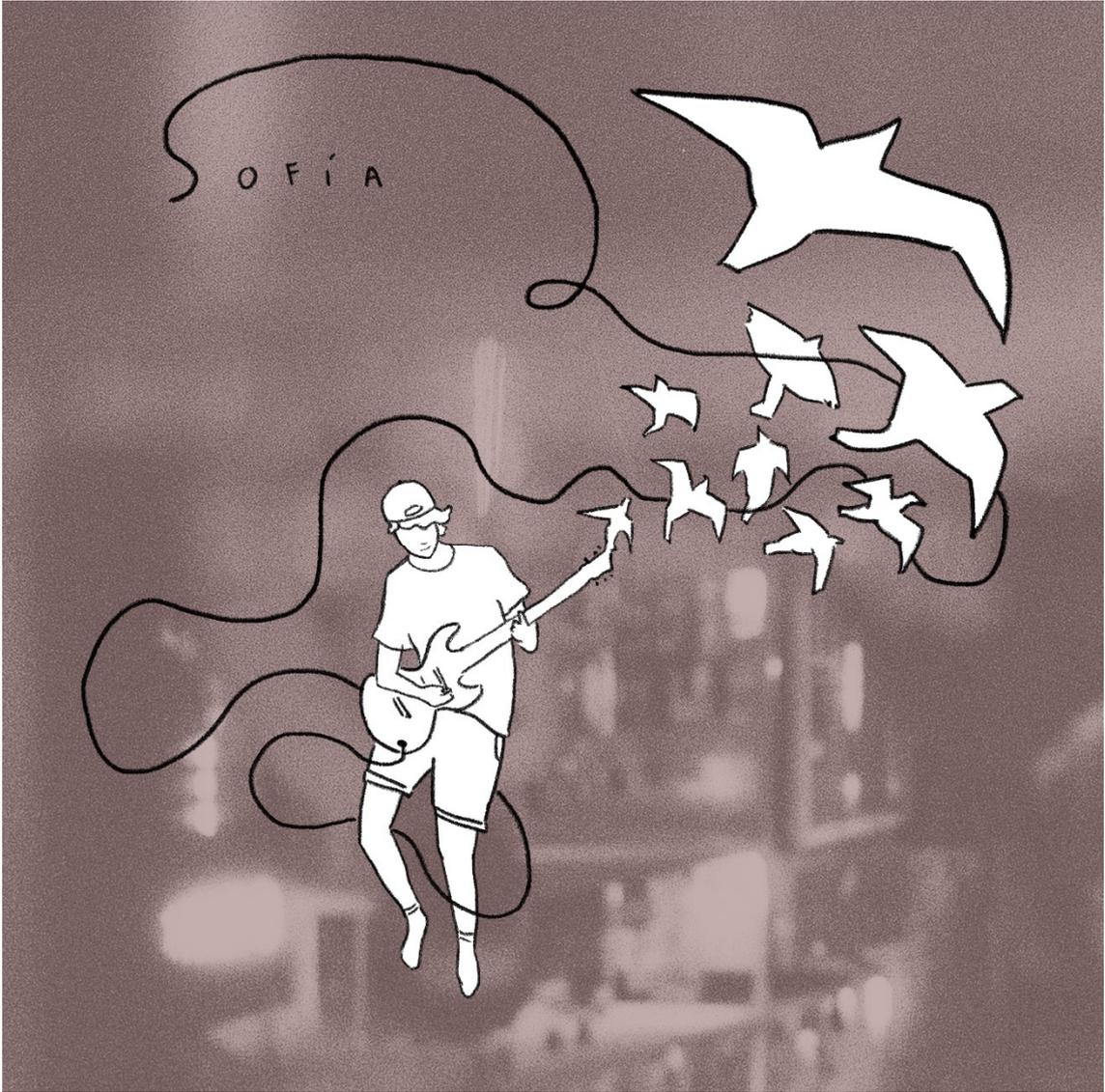
Pensando na sonoridade de bandas uruguaias, principalmente de rock, lembrei do uso de alguns instrumentos como o saxofone, criei pequenas melodias usando o teclado como controlador midi e o som de saxofone do plugin kontakt 7. Além disso, fiz alguns arpejos com o teclado e experimentei diferentes sons do plugin sintetizador Tyrell N6, acabei escolhendo o patch: HS Cheesecake, que também me remeteu a músicas que ouvi no Uruguai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste projeto me fez refletir sobre a minha trajetória muito mais do que esperava. Lembro que sempre tive medo do PGMP, me perguntava sobre o que seria o meu trabalho e mesmo existindo a vontade de compor e produzir, não imaginava que seria capaz. Consegui entender que desde o início do curso eu estava me preparando para fazer o que queria sem saber, e como cada disciplina contribuiu para isso de alguma forma.

Tive a oportunidade também de pensar sobre aspectos da minha identidade sendo uma pessoa trilingue e morando em outro país, pude me reencontrar com partes de mim que geralmente não vejo e perceber como posso me comunicar através das minhas composições no idioma que eu quiser.

Acredito que tenha atingido o meu objetivo concluindo esta etapa, provei para mim mesma que sou capaz de fazer músicas das quais me sinto orgulhosa. Fico com um grande sentimento de superação, aproveito este momento para me agradecer por não ter desistido e espero continuar sempre indo atrás do que quero.



REFERÊNCIAS

CARVALHO, A M. Variation and diffusion of uruguayan portuguese in a bilingual border town. Actas do I Simposio Internacional sobre o bilingüismo. University of California at Berkeley, USA. 1997

DERRIDA, J. O monolinguismo do Outro ou a prótese da origem. Tradução de Fernando Berardo. Porto: Campo das Letras, 2001

HAMERS, J e BLANC, M. Bilinguality and Bilingualism. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HEYDEN, A. Bilíngue, eu? Representações de sujeitos bilíngues falantes de português e inglês. REVISTA X, VOLUME 2, 2012, p. 243-264.

HEYE, J. Considerações sobre bilinguismo e bilingualidade: revisão de uma questão. Revista paLavra. Rio de Janeiro: PUC-Rio, v 11, 2003, p. 30-38.

HOOKS, B. O feminismo é para todo mundo: Políticas arrebatadoras. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

LABOV, W. The social stratification of English in New York, Washington DC, Center for Applied Linguistics. Washington DC, Center for Applied Linguistics. 1966

STURZA, E. Portunhol: língua, história e política. Gragoatá, Niterói, v.24, n. 48, p. 95-116, jan.-abr. 2019